

ATA 11/2020 REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO MUNICIPAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E FEDERATIVAS - CMRIF. Ao vigésimo sétimo dia de novembro de dois mil e vinte, às quatorze horas, reuniram-se virtualmente, via Plataforma Zoom, **os seguintes conselheiros:** Luiz Estanislau Piekarczyewcz (Titular/FME); Valdir Lewandowski (Titular/Turismo e Desenvolvimento Econômico); Luciana Vargas (Suplente/Turismo e Desenvolvimento Econômico), Paulo Roberto Ferreira (Suplente/ERI); Ricardo Bruno Boff (Suplente/Curso de RI); Luciene Cristine Vieira (Titular/CDL); Alessan Bruna Radaelli (Suplente/CDL); Maria Goreti Sbeghen (Titular/ROTARY CLUB BC); Gustavo Sily Kogure (Titular/UDESC), Maria Pissaia (Titular/ACIBALC); Fernando Assanti (Suplente/ACILBAC). Contando com a presença de **outros representantes:** Yasmin Lenz (UFSC); Mariana Schlikimann (UDESC); Stephane Louise Boca Santa (doutoranda PPGA - UNISUL e pesquisadora do GREENS/UNISUL); Eric Ruiz (pós graduando em Big Data, especialista em Business Intelligence, atualmente colaborando na prefeitura de Itajaí); Prof. José Baltazar Salgueirinho Osório de Andrade Guerra (UNISUL), Arthur Ruf Hosang da Costa (Rotaract Club de Balneário Camboriú, Brasil. Distrito 4652); Carlo Merlo (Comissão de Direito Digital); Paulo Guilherme Fuchs (Doutorando em Administração-UNISUL e Professor Visitante - Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Tatiany Vendrame (Movimente-se – Conexões e Negócios). A conselheira Maria Goretti agradece aos presentes e pede ao conselheiro Paulo para apresentar o convidado prof. Baltazar. Paulo lê o currículo do convidado e lhe passa a palavra. Prof. Baltazar cumprimenta os presentes e inicia sua fala sobre cidades sustentáveis. Menciona a dificuldade do planejamento urbano na América Latina, citando o abastecimento de água em Lima e La Paz como exemplo. Convida a todos ao debate e compartilha sua apresentação. Menciona o uso indiscriminado dos recursos ambientais e a importâncias dos centros de pesquisa. Para ele, o ponto central da conversa é uma notícia ruim: a população mundial cresce exponencialmente desde 1700, com projeção de 10 bilhões em 2050 e entre 12 e 14 bilhões em 2100. Fala da concentração de pessoas na Ásia e Índia, onde estão os lugares mais pobres do mundo. Destaca a Índia e a África Subsaariana. Destaca que a maioria da população é e será urbana, superando a rural desde 2008, com muitas cidades com mais de 10 milhões de habitantes (cerca de 40). As questões que surgem: como alimentar toda essa gente? Como suprir a demanda energética? Menciona também transporte, saneamento básico, educação. Fala que vemos as vantagens competitivas das cidades, mas ele traz hoje as desvantagens de cidades não planejadas. Se em 2050 formos 10 bilhões, com 70% de pessoas nas cidades, seremos 7 bilhões em cidades. Alguns veem esse crescimento como o triunfo da espécie e a cidade como oportunidade e industrialização, mas esquece-se da necessidade de energia do ser humano. A alternativa tem sido queimar combustíveis fósseis – gás, carvão, petróleo. Mas o custo disso é o aumento das concentrações de dióxido de carbono na atmosfera. Ou seja, há o desafio de substituir essa matriz e de aumentar a produção de alimentos, diante da escassez de novas terras cultiváveis. Além disso, há desafio de aumentar a quantidade de água disponível, tudo isso dentro de um cenário de aquecimento global. Chegamos a esse ponto pois o ser humano não soube respeitar “fronteiras”, ou seja, limites. Hoje já ocorre uma destruição massivas de espécies. A agricultura aumenta, mas a um custo ambiental alto. Porém, há um limite que não deveria ser ultrapassado, e hoje estamos ultrapassando, especialmente nas cidades. As cidades costeiras já estão em risco pela subida do mar. Cita o exemplo de Jacarta, na Indonésia, que está

literalmente afundando. Fala que a primeira medida foi erguer um muro, que é inútil. Hoje se fala em transferir a capital para outra ilha. Cita as negligências urbanas que estão causando esses problemas. Afinal, os mais afetados são as populações mais pobres e desfavorecidas. Então, chama pela cidade sustentável. Fala que, mesmo que não houvesse aquecimento global, haveria vantagens nas cidades sustentáveis, inclusive em termos de beleza, saúde e patrimônio. Passa a falar dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs) como cartilha básica, mas cita Objetivos do Milênio e Relatório Brutland, onde as ideias já estavam lá. Cita o absurdo de haver pessoas sem abrigo nas cidades, especialmente Florianópolis e Balneário Camboriú. Cita como um sistema de saúde tem sido fundamental na pandemia, citando o “SUS” britânico – sob governo conservador – funcionando muito bem. Cita uma nova arquitetura, energia limpa e renovável. Questiona quantos prédios de BC usam placas fotovoltaicas e reaproveitamento da água. Cita a importância de uma economia circular – compra, uso, reuso; uma economia de combate às mudanças climáticas; produção de vida no mar e na terra. As Nações Unidas se comprometeram, entre 2012 e 2105, a atingir até 2030 os objetivos das ODSs, por exemplo todos terem acesso à água e comida, reduzir impactos de catástrofes ambientais, espaços verdes seguros e inclusivos; mitigação das mudanças climáticas, dentre outros. Cita as mais de 800 milhões de pessoas que vivem em “bairros de lata” (favelas), com carências de todos os tipos e consequências nas crianças que lá crescem. Algo deve ser feito para que se mude isso, pois não tem nada de normal ou natural. Cita várias necessidades de mudanças – pensar globalmente, mudar a cultura, soluções sustentáveis, educação para a sustentabilidade, cultura de paz, gestão e governança, igualdade, planejamento urbano, etc. Hoje o desafio não é mais criar, mas sim implantar. Passa a falar do modelo de “cidade inteligente” de Florianópolis, que parte das premissas apresentadas. Cita que não há cidade inteligente sem pessoas inteligentes, onde há ar de qualidade, mobilidade urbana, espaços verdes. É possível até em cidades como Balneário Camboriú, com jardins verticais. Fala que cidade inteligente não é sinônimo de “parafernália” tecnológicas – TI. Há soluções muito mais simples. Passa então a palavra à convidada Stephane, para falar de suas pesquisas no Doutorado. Ela menciona a necessidade de pesquisar ouvindo as pessoas e suas necessidades. Prof. Samuel menciona que cidades inteligentes são um desafio, pois envolvem tecnologias e inovações. Cita Uberlândia-MG, onde ele está, e seu potencial de inovação e seus desafios. Conselheira Luciene fala sobre a dificuldade de se falar em “economia criativa”, que enfrenta muitas dificuldades devido a tabus e preconceitos. Fala dos baixos índices de educação básica de BC em 2019, e menciona a evasão escolar como um problema grave e piorado frente à pandemia da COVID-19. Lembra de uma luta do Rotary, há 40 anos, pela erradicação da poliomielite, que causa paralisia, a qual nunca foi completamente erradicada, especialmente onde há esgoto. Menciona conflitos, ignorância contra vacinas e necessidade de prevenção. E lembra que sustentabilidade não significa importar modismos, mas pensar criativamente. Baltazar subscreve a fala da conselheira Lucilene e lembra o risco do aprofundamento de um abismo social, no Brasil e no mundo, entre classes sociais. Relaciona fortemente a crescente desigualdade de renda aos problemas urbanos. Parabeniza o Rotary pelos avanços na poliomielite, mostrando como é possível. Destaca assim o papel da sociedade civil e de conselhos de cidadãos. O conselheiro Ricardo pergunta sobre possível desinchaço urbano e melhor ocupação do espaço. O êxodo urbano, para Baltazar, só acontece em países desenvolvidos, portanto não é uma tendência; a má ocupação e desertificação de

grandes áreas parece ser uma tendência, acompanhada de concentração nas grandes cidades. Traz também o risco da solidão, trazido pelo Fórum Econômico Mundial, e seus custos, muito associados à urbanização, que ainda cresce em muitos países. Cita também o “paradoxo do distanciamento dos próximos”. Cita ainda a solidão dos idosos em grandes cidades. Yasmin pergunta sobre o centro de pesquisa do Centro de Desenvolvimento Sustentável e ao papel do poder público municipal. Baltazar convida as pessoas a participar e destaca o papel da Câmara de Vereadores e do Executivo dos municípios, e a necessidade de aumentar a consciência dos vereadores sobre a sustentabilidade. Destaca que este termo vai além de ideologias políticas, pois se conecta com todos. Nos Estados Unidos, porém, ela ficou muito ligada aos Democratas, muito devido a Al Gore. O convidado Nelson fala do seu papel na construção de políticas públicas para o município de Balneário Camboriú. Fala detalhes do envolvimento de universidades, iniciativa pública e privada, na construção da cidade sustentável, afirmando haver a necessidade de ir além da construção civil. Reforça a necessidade de buscar novos modelos de negócio, envolvendo tecnologia, principalmente a partir da pandemia. Baltazar fala do início de carreira na economia do desenvolvimento, mas de como, nas suas visitas à África, foi compreendendo a questão ambiental. Questiona como será possível acabar com o auxílio emergencial em 2021, dentre outros exemplos de possibilidades de aprender com a pandemia e inovar. Lhe preocupa muito o desinvestimento em ciência e tecnologia, diante de desequilíbrio em contas públicas, ainda mais após a pandemia. Cita a importância de preservar patrimônios em Santa Catarina como forma de manter e melhorar a qualidade, pois é isso que atrai os visitantes. Destaca o papel do Conselho para subsidiar o município com informações. O Conselheiro Gustavo cita o projeto “UDESC Lixo Zero” e a educação brasileira além de outros países. Cita a desigualdade social como centro da insegurança, pois viajou pelo mundo todo e observou. Também cita mobilidade urbana e o travamento de Florianópolis. Enfim, coloca como central a questão do investimento nas pessoas e em superar desigualdades sociais. Baltazar destaca a importância da UDESC na sua vinda ao Brasil. Cita o problema do “cosmopolitismo moderno” – atração de pessoas às cidades polo, perda de identidade, baixa mobilização da sociedade civil e o “vício” no Estado provedor. Cita o perigo dessa desigualdade na perda da qualidade da democracia, o que deverá aparecer em 2021. Acredita em um ano duro e complicado, mencionando a quantidade de mortes nos Estados Unidos. Acredita na recuperação até 2023 e 2024. A presidente destaca que estamos no momento mais agudo da pandemia, fala da importância das reflexões trazidas, menciona ameaça à democracia, destaca a importância das organizações civis e a importância da fala ao Conselho. Destaca a Big Tower de 100 andares como insustentável e mostra como essa discussão foi importante diante de tais antípodas à sustentabilidade. Encaminha os agradecimentos e o final da reunião e eu, Ricardo Bruno Boff, lavro a presente ata para a devida publicação onde os presentes nesta reunião virtual serão nomeados ao final da mesma, dando legalidade ao conteúdo expresso, eximindo a assinatura física, publique-se, archive-se.

Luiz Estanislau Piekarczyewcz (Titular/FME);

Valdir Lewandowski (Titular/Turismo e Desenvolvimento Econômico);

Luciana Vargas (Suplente/Turismo e Desenvolvimento Econômico);

Paulo Roberto Ferreira (Suplente/ERI);

Ricardo Bruno Boff (Suplente/Curso de RI);

Luciene Cristine Vieira (Titular/CDL);
Alessan Bruna Radaelli (Suplente/CDL);
Maria Goreti Sbeghen (Titular/ROTARY CLUB BC);
Gustavo Sily Kogure (Titular/UDESC),
Maria Pissaia (Titular/ACIBALC);
Fernando Assanti (Suplente/ACILBAC).
Yasmin Lenz (UFSC);
Mariana Schlikimann (UDESC);
Stephane Louise Boca Santa (doutoranda PPGA - UNISUL e pesquisadora do GREENS/UNISUL);
Eric Ruiz (pós graduando em Big Data, especialista em Business Intelligence, atualmente
colaborando na prefeitura de Itajaí);
José Baltazar Salgueirinho Osório de Andrade Guerra (UNISUL);
Arthur Ruf Hosang da Costa (Rotaract Club de Balneário Camboriú, Brasil. Distrito 4652);
Carlo Merlo (Comissão de Direito Digital);
Paulo Guilherme Fuchs (Doutorando em Administração-UNISUL e Professor Visitante -
Universidade Federal de Uberlândia (UFU);
Tatiany Vendrame (Movimente-se – Conexões e Negócios).